

YANCEY, Philip. **O Jesus que eu nunca conheci.** Vida, 1999. 324p. Resumido por JLHack em janeiro/2003. [Livro que analisa a vida de Jesus, questionando a vida da Igreja atual].

Parte 1 – Quem ele era

1. Introdução

No meio de tanta confusão atual, como definir quem é Jesus? Deus assumiu um tremendo risco quando se estendeu sobre a mesa de dissecação. Duas palavras ninguém pensaria em aplicar ao Jesus dos evangelhos: enfadonho e previsível. Se Jesus nunca tivesse vivido, não poderíamos tê-lo inventado. Em vez de olhá-lo com as lentes dos concílios e credos, vamos tentar compreendê-lo como um de seus seguidores.

2. Nascimento

O destino do mundo repousou sobre a reação de dois jovens camponeses. Maria foi a primeira pessoa a aceitar Jesus com todas as suas condições, apesar do custo pessoal. Jesus veio para solapar os poderes do mundo e os acontecimentos iniciais de sua vida dão uma prévia da luta iniciada. Jesus veio para revelar Deus. Seu nascimento o revela como humilde, acessível (eliminando o medo de se aproximar de Deus), oprimido e corajoso. O Deus que não conhece fronteiras assumiu as limitações chocantes de um neném.

3. Antecedentes

Não se pode compreender Jesus à parte de sua ascendência judaica. Mas ele não cumpriu as expectativas do seu povo acerca do Messias. Havia grande anseio por uma nova ordem, pois os judeus não se submetiam à cultura imposta por Roma. Nos trinta anos antes de Herodes, 150 mil homens pereceram na Palestina em levantes. Herodes subiu ao trono de um país em ruínas. Na Galileia, Séforis era a capital, reconstruída no estilo greco-romano. Ficava a 5 km ao norte de Nazaré; foi ali que em 4 a.C. houve o levante no qual dois mil judeus foram crucificados. Dez anos depois houve o levante de Judas, que organizou o partido dos zelotes. Os galileus em geral eram pouco cultos e desprezados pelos demais judeus. A Galileia parecia um lugar pouco provável para o Messias surgir. Os judeus reagiram à opressão romana de modos variados: separação (essênios), revolta (zelotes), colaboração (saduceus) e certo equilíbrio (fariseus).

4. A tentação

Jesus foi tentado a usar uma coroa, mas não uma cruz. Satanás o tentou com o caminho mais fácil, usando milagre, mistério e autoridade. Aí se revela profunda diferença entre o poder de Deus (amor) e o do diabo (coercivo). Deus se fez fraco com um propósito: deixar que os seres humanos livremente escolhessem o que fazer com ele. Deus escolheu não se impor sobre os que não o desejavam. Ele fundamenta seu apelo com base no amor sacrificial. Jesus não teve a compulsão de converter ou curar a todos, mas respeitou a liberdade humana. Esta “timidez divina” muitas vezes não foi praticada pela Igreja em sua história. Somos desafiados a exercê-la em nossas próprias vidas.

5. Perfil

A aparência física de Jesus não é descrita nos evangelhos, exceto por Is 53, que o caracteriza como comum e sem beleza. Sua personalidade, contudo, era cativante. Expressava suas emoções sem problemas e estabelecia rápida intimidade com as pessoas. Era sensível e livre para os outros. Seu ministério teve um grande sucesso inicial, devido às curas físicas. Mas Jesus buscou ficar fora dos projetores. Seu ministério era itinerante, sustentado por ofertas. Era excepcional mestre e suas respostas penetravam o coração dos ouvintes. Pregando “cheio de graça e de verdade”, estabeleceu um padrão ético que ninguém podia atingir. Suas declarações sobre si mesmo eram sem precedentes e claramente reivindicavam sua divindade. Foi ele quem escolheu seus discípulos mais chegados, caracterizados por simplicidade e obtusidade, para estarem com ele e enviá-los.

Parte 2 – Por que ele veio

6. Bem-aventuranças

Em vez de agir como um libertador, Jesus discursou sobre a felicidade de ser infeliz, prometendo amplas recompensas futuras aos que sofrem hoje. A sociedade moderna incentiva a sobrevivência dos mais capacitados. Jesus enfatiza a vitória das vítimas, pois estas são mais dependentes de Deus. Os pobres são menos propensos à hipocrisia e admitem mais prontamente o desespero. Estas verdades celestiais produzem transformação em nossas vidas hoje mesmo, mudando nossa realidade interior. A chave paradoxal da vida abundante é perder a sua vida servindo aos outros.

7. Mensagem

Jesus apresentou um ideal ético impossível de ser seguido. O sermão do monte é ofensivo e restritivo. Jesus tornou a lei impossível para qualquer um guardar. E então ofereceu sua graça absoluta, para os que reconhecem que não conseguem atingir o elevado ideal de Deus. O sermão do monte nos revela como Deus é, e nos mostra a grande distância que nos separa dele, que só pode ser vencida pela graça.

8. Missão

Jesus atraía os pecadores enquanto os legalistas sentiam repulsa dele. Ele traz à tona o pecado reprimido, mas perdoa todo pecado francamente reconhecido. Por isso os pecadores crônicos se aproximavam dele mais facilmente. Sua mensagem era de graça e misericórdia. Ao conviver com os impuros, os contagiava com sua santidade. Ele amou os indesejáveis como indivíduos, revelando-nos o coração do Pai amoroso.

9. Milagres

Jesus fez milagres como complemento natural da sua obra, mas não se destacou através deles. Por que os fez? Por que tão poucos? Os milagres de Jesus, geralmente, não contradizem a lei natural, apenas repetem a atividade da criação em maior velocidade e menor escala. Seu primeiro milagre prenunciou o fim da dispensação antiga (água para purificação) e o início da celebração. Outros milagres vieram quebrar preconceitos (sofrimento pelo pecado), barreiras sociais (leprosos), distorções teológicas (perdão de pecados). Jesus nunca encontrou enfermidade que não pudesse curar ou demônio que não pudesse exorcizar, mas encontrou pecadores que não pôde converter. Fé produz milagres, mas estes não produzem fé (Lc 16.31). Os milagres foram sinais para indicar a direção certa aos que a buscam. O que sobressai nos milagres de Jesus é sua pouca frequência. Servem como vislumbres da restauração que Deus fará. A morte e a doença é que são suspensões das leis de Deus.

10. Morte

A cruz era o alvo de Jesus o tempo todo. E até o fim amou seus discípulos, perdoando mesmo os que o traíram. No Getsêmani, Jesus enfrentou a perspectiva do abandono do Pai, subjugou a tentação do caminho mais fácil e submeteu-se à cruz. Nos julgamentos, Jesus confessou que era o Messias, mantendo seu autocontrole e determinação de suportar o sofrimento até o fim. No Calvário, sentiu-se abandonado pelo Pai. Seu sacrifício na cruz venceu o mal definitivamente – Deus abandonou o poder e escolheu o caminho da fraqueza.

11. Ressurreição

A Páscoa declara a vitória de Jesus sobre a morte, a qual se tornou reversível para todos nós. Diante da ressurreição, impôs-se uma escolha: crer e ser transformado, ou ignorar as evidências. A ressurreição é o epicentro da fé. A Páscoa é uma pré-estreia da realidade final.

Parte 3 – O que ele deixou para trás

12. Ascensão

A Igreja serve como extensão da encarnação, estabelecendo a presença de Deus no mundo. O que Jesus trouxe para alguns, a Igreja agora pode trazer a todos. Jesus se “ausentou” da terra, mas deixou seus “cobradores” – os necessitados (Mt 25.31-46). Ele subiu ao céu para que pudéssemos tomar o seu lugar. Deus assumiu o risco de confiar sua reputação a pessoas como nós, sua igreja. E mesmo falha, a igreja tem produzido luz. Apenas Deus sabe o que agrada a Deus. Foi Jesus quem nos escolheu (Jo 15.16): é o milagre da sua graça que nos permite sermos participantes de seu corpo (2Co 4.7). Cristo carrega os ferimentos da igreja, seu Corpo, exatamente como carrega as feridas da crucificação. Às vezes, fico imaginando o que deve ter doído mais.

13. Reino

Para entender Jesus e a missão que nos deixou, é preciso compreender seu ensino sobre o Reino de Deus. A multidão ansiava por um Messias libertador. Mas Jesus veio advertir os oprimidos e consolar os oprimidos. Mesmo assim, considerava mais importante a pessoa do que qualquer categoria ou etiqueta. Jesus recusou sistematicamente utilizar poder coercitivo. Suas metáforas sobre o reino descrevem uma força secreta que trabalha de dentro pra fora. Contudo, muitas vezes na história a igreja seguiu o padrão de poder dos reinos deste mundo, esquecendo que o reino de Deus é “não deste mundo” (Jo 18.3,6). O problema vem quando a igreja se torna externa e acomodada com o governo. Apenas na volta de Jesus o reino de Deus aparecerá em toda sua plenitude. A igreja hoje precisa ser uma sociedade alternativa, demonstrando o que o mundo um dia será sob o governo de Cristo. A igreja tem a tarefa de apresentar os sinais do reino de Deus ao mundo.

14. A diferença que ele faz

Jesus é radicalmente diferente de qualquer outra pessoa que já tenha vivido. Suspeito de qualquer tentativa de classificá-lo, mas ele me deixou algumas impressões:

A) Amigo de pecadores, mas sem pecado. Que diferença da igreja atual. Somos considerados inimigos dos pecadores, e redefinimos “pecado” para nos afirmarmos santos.

B) Homem-Deus. As declarações de Jesus reivindicam sua divindade e nos forçam a uma decisão. Se Jesus não é Deus, estava gravemente iludido.

C) Retrato de Deus. Jesus apresenta Deus com pele, num ‘modelo reduzido’ e visível. Ele introduziu profundas alterações no modo como vemos a Deus, trazendo-o mais perto e o revelando a nós como Abba.

D) Amante. Jesus revela um Deus que busca, que é vulnerável, que é amor. “Jesus é o filho pródigo do Pai pródigo que deu tudo o que o Pai lhe tinha confiado para que eu pudesse me tornar como ele e voltar com ele para a casa de seu pai” (Nouwen).

E) Retrato da humanidade. Jesus revela como o homem, criado à imagem de Deus, realmente deve ser. Ele nos tirou a desculpa de que “somos apenas humanos”. Ele sofreu como homem e por isso pode nos entender perfeitamente.

F) O médico ferido. Aquilo que nos faz sentir insuficientes é o que Deus usa para realizar sua obra (2Co 12.9-10). O que parecia uma derrota para o mal (a morte na cruz), Deus transformou na maior vitória. A cruz nos dá esperança. “Deus chora conosco para que possamos um dia rir com ele”. A comparação entre a tenebrosa sexta-feira e o domingo da ressurreição nos ensina que, quando Deus parece mais sem força ou ausente, é aí que pode estar mais poderoso e mais perto. Viveremos hoje no sábado em escala cósmica, aguardando pelo nosso dia de redenção.